

# Investir na produção de óleo

por Fátima Belchior  
do Rio

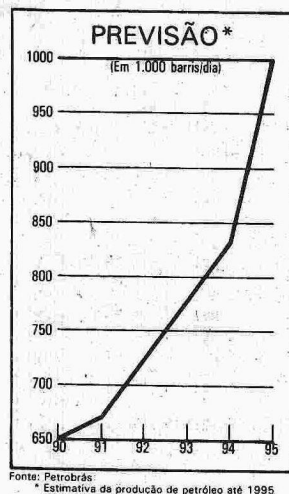
A década de 90 promete ser rica em discussões e até mesmo em mudanças na indústria brasileira do petróleo. Questões como o monopólio — hoje em mãos da Petrobrás —, eficiência, produtividade, qualidade de produtos e preservação ambiental estarão, cada vez mais, entre as preocupações dos consumidores. A Petrobrás e as distribuidoras dos derivados de petróleo precisarão dar respostas rápidas, o que acabará abrindo novos investimentos para a indústria de materiais e equipamentos.

É a partir deste quadro que estão trabalhando representantes da Petrobrás, do segmento distribuidor de derivados de petróleo e mesmo de empresas auxiliares aos serviços realizados pela estatal. Hoje, não há dúvidas, entre estes segmentos da economia, é que a produção de petróleo no Brasil tem papel significativo. A recente crise no Oriente Médio mostrou os riscos da dependência e que caminhos energéticos pelos quais o Brasil poderá seguir — nuclear, hidrelétrica, álcool e carvão — não resolvem por si só as necessidades internas.

Diante disso, todos são unânimes na tese de que novos investimentos em exploração e produção de petróleo terão de ser realizados. "Embora haja a tentativa de se redefinir a matriz energética, a maior resposta virá da área de exploração e produção do petróleo", disse a este jornal o vice-presidente da Shell Brasil S.A., Omar Carneiro da Cunha, também presidente do Sindicato Nacional do Comércio Atacadista de Derivados de Petróleo (Sindicom).

## ATRASO NOS ÚLTIMOS ANOS

"O País sofreu um significativo atraso nos últimos cinco anos, com redução sistemática dos investimentos na área. A consequência é que, pela primeira vez, houve uma diminuição real no volume de reservas brasileiras de petróleo", comentou, por sua vez, Luiz Villar, líder em-

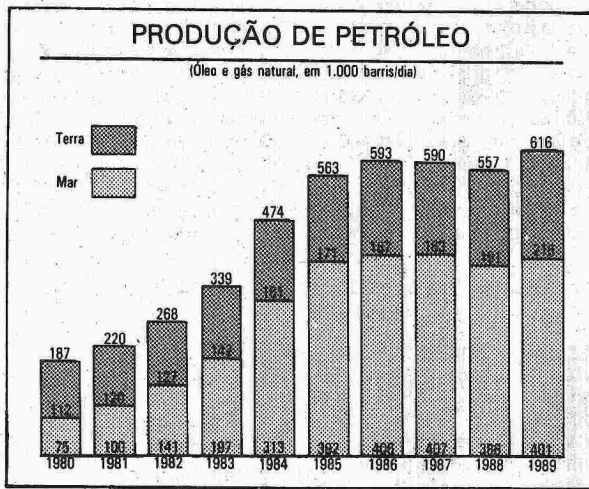
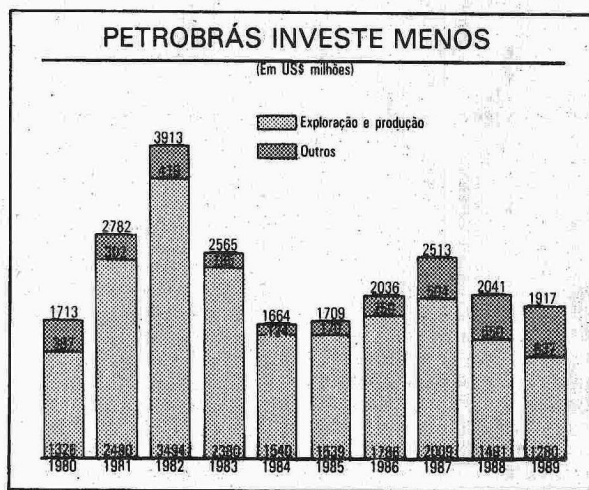


presarial (espécie de diretor-presidente na nomenclatura da empresa) da OPL-Odebrecht Perfurações. Estes fatos, aliados à recente crise no Golfo, justificam, segundo ele, o aumento de investimentos em exploração e produção de petróleo.

A direção da Petrobrás não tem dúvidas de que poderá chegar ao final dos primeiros cinco anos desta década com uma produção de petróleo da ordem de 1 milhão de barris por dia — este ano, a média será de 650 mil barris por dia —, para um consumo da ordem de 1,4 milhão de barris diariamente. A relação de dependência externa, hoje da ordem de 50%, cairá para 30%. Mas, para tanto, a estatal terá de investir US\$ 16,9 bilhões.

Segundo o diretor de Exploração e Produção da Petrobrás, daquele volume de 1 milhão de barris por dia, 400 mil sairão de campos nos quais já há projetos de produção. Outros 500 mil serão retirados de áreas que exigem a instalação de sistemas de produção. E os 100 mil restantes deverão ser descobertos, o que ele considera viável, tendo em vista que algumas áreas — como Bacia de Santos — têm-se revelado potencialmente produtoras de óleo.

Não há dúvidas quanto a reservas, mas sim quanto à capacidade de investimentos da Petrobrás. A história recente da estatal indica que programas de governo visando a contenção da inflação acabaram inibindo



os preços dos derivados de petróleo e, consequentemente, os programas da empresa na área de exploração e produção de petróleo.

Em 1982, por exemplo, os investimentos diretos da Petrobrás (exploração, produção e outros) chegaram aos US\$ 3,9 bilhões. Atingiram US\$ 1,6 bilhão em 1984 e a US\$ 1,9 bilhão em 1989, devendo situar-se neste patamar durante este ano. No ano passado, houve um pequeno declínio das reservas de petróleo e, ao longo dos últimos cinco anos, a produção variou entre 563 mil barris por dia (1985) e 616 mil barris por dia (1989), registrando quedas durante aquele período.

## PLANO PLURIANUAL

O plano plurianual de ati-

se aos números do início da década de 80, quando a Petrobrás apostou firme na Bacia de Campos, hoje responsável por quase 70% da produção nacional de óleo e gás. No período de 1981 a 1983, os investimentos somaram US\$ 9,5 bilhões.

A Petrobrás estará, até o final do mês, dando os últimos retoques no seu programa para a década. Com base em uma previsão de crescimento da economia de 3 a 4% ao ano, a partir de 1993 (até lá trabalha-se com a hipótese de recessão ou crescimento zero), o parque de refino terá de ampliar-se em 600 mil barris por dia até o ano 2000. Dará um salto dos atuais 1,350 milhão para 1,950 milhão de barris por dia, preservando-se auto-suficiente na produção de derivados, enquanto a oferta interna de óleo bruto deverá ser de 1,5 milhão de barris por dia.

Para atingir aquelas metas para o parque de refino, a Petrobrás terá de desembolsar US\$ 8 bilhões ao longo da década, segundo previu seu diretor industrial, Hélio Falcão. A ampliação se dará com reformas de expansão em todas as unidades de refino existentes — são dez, com mais uma fábrica de asfalto —, além da construção de uma nova refinaria no Nordeste.

Todas estas metas empresariais — de produção de óleo e de seus derivados — estão, necessariamente, ligadas a programas de desenvolvimento tecnológicos, hoje sob a responsabilidade do Centro de Pesquisas da Petrobrás (Cenpes). Capacitar-se para tirar petróleo de águas profundas — lamina d'água entre 600 e mil metros — da Bacia de Campos e adaptar suas características de produto pesado à demanda interna do País são algumas das metas da Petrobrás para estes dez anos, segundo relatou Guilherme Estrela, superintendente do centro de pesquisas da empresa.

vidades da Petrobrás, segundo o superintendente-adjunto do serviço de planejamento da empresa, José Luiz de Miranda e Silva, conta com a possibilidade de obter no mercado externo US\$ 4 bilhões, ou 24% do total de US\$ 16,9 bilhões. Nos três primeiros anos, seriam aplicados US\$ 9,1 bilhões e o aumento da produção seria de 670 mil barris por dia (1991) para 780 mil (1993).

"Não há nada de novo nisto", comentou o diretor de Exploração e Produção da Petrobrás, João Carlos França de Luca, referindo-